

Uma primeira aproximação comparada ao fascismo feminino no Brasil e na Espanha, 1932-1937

A first comparative approach to feminine fascism in Brazil and Spain, 1932-1937

Una primer aproximación al fascismo femenino en Brasil y España, 1932-1937

Toni Morant i Ariño¹

<https://orcid.org/0000-0002-8507-0723>

RESUMO: O presente texto busca ser uma colaboração ao incipiente campo de estudos comparados sobre os fascismos brasileiro e espanhol e ampliá-lo, ainda, por meio dos estudos de gênero. Configura-se como a primeira análise comparativa entre as integralistas e as falangistas, e também entre as fascistas brasileiras e as de qualquer país da Europa do período entreguerras. Não é em vão que apenas um olhar comparado permite estabelecer semelhanças e diferenças, padrões transnacionais e especificidades nacionais neste universo fascista.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo transnacional, História do gênero, Ação Integralista Brasileira, Falange Española

ABSTRACT: This paper is intended to be a contribution to the emerging field of comparative studies on Brazilian and Spanish fascisms by, at the same time, expanding it through gender studies. It also involves the first comparative analysis between Integralist women and Falangist women, and even among the Brazilian fascist women and those of any country during the interwar period in Europe. After all, only a comparative approach allows us to establish similarities and differences, transnational patterns and national specificities in this fascist universe.

KEYWORDS: Transnational fascism, Gender History, Ação Integralista Brasileira, Falange Española

¹ Doutor Internacional em História Contemporânea pela Universitat de València (UV), com estágios no Departamento de História da Educação da Universität Potsdam (Alemanha), no Instituto de Sociologia da Università degli Studi di Urbino (Itália) e no Instituto de História do Tempo Presente da Universität Wien (Áustria). Coeditor de “Reactionary nationalists, Fascists and Dictatorships. Against Democracy” (Palgrave Macmillan, 2019). E-mail: toni.morant@uv.es. O autor integra o projeto *Derechas y nación en época contemporánea. Una perspectiva transnacional* (PGC2018-099956-B-I00), financiado pelo Ministério espanhol de Economia e Inovação.

Quero agradecer a Gabriela de Lima Grecco (Universidad Autónoma de Madrid), por ter me aproximado desse tema e insistir em sua importância, a Leandro Pereira Gonçalves (UFJF), por sua generosa ajuda bibliográfica, e a Gabrielle Lafin, por sua tradução ao português do original em espanhol.

RESUMEN: El presente texto pretende ser una contribución al incipiente campo de estudios comparados sobre los fascismos brasileño y español, pero ampliándolo mediante los estudios de género. Supone además el primer análisis comparativo entre las integralistas y las falangistas, e incluso entre las fascistas brasileñas y las de cualquier país de la Europa de entreguerras. No en vano, sólo una mirada comparada permite establecer semejanzas y diferencias, patrones transnacionales y especificidades nacionales en este universo fascista.

PALABRAS CLAVE: Fascismo transnacional, Historia del género, Ação Integralista Brasileira, Falange Española

Como citar este artigo:

MORANT I ARIÑO, Toni. Uma primeira aproximação ao fascismo feminino na Espanha e no Brasil, 1932-1937. **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.121-137, 2019 ISSN: 2594-8296 E-ISSN: 2594-8296 - ISSN-L: 1413-3024

Um ano depois da fundação, em São Paulo, da Ação Integralista Brasileira (AIB), “o primeiro movimento de massa”² da história do Brasil e “[b]y far the most significant case of fascism in Latin America”³, do outro lado do Atlântico fundou-se, em outubro de 1933, a Falange Espanhola (FE), o partido fascista que teria uma importante influência na história da Espanha durante toda a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a subsequente ditadura franquista (1939-1975). Se a fundação de ambos os partidos se deu com apenas um ano de diferença, a distância que separou a criação dos primeiros grupos femininos no Brasil e na Espanha foi ainda menor: enquanto as primeiras integralistas uniformizadas se uniram em Teófilo Otoni, uma cidade do estado de Minas Gerais, em dezembro de 1933, as primeiras falangistas, por sua vez, organizaram-se na capital espanhola em junho do ano seguinte.

A proximidade não só cronológica como também ideológica entre estes acontecimentos (a formação de partidos fascistas e a incorporação de mulheres em suas fileiras de forma consciente e voluntária, quando não diretamente entusiasta) revela tendências paralelas apesar dos milhares de quilômetros que os (e as) separavam. Este paralelismo não foi nenhuma coincidência, mas sim algo que demarca e explica a ascensão das ideias fascistas dentro mas também fora da Europa. Durante o

² TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: DIFEL, 1979, p. 2.

³ GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. Londres e Nova York: Routledge, 1991, p. 151.

período entreguerras, o fascismo se tornou “un punto de referencia inexcusable”.⁴ Após sua chegada ao poder na Itália, em 1922, demonstrou uma profunda capacidade de atração que fez com que, em três anos, houvesse movimentos que se nomeavam a si mesmos fascistas em quarenta e cinco países.⁵ Em meados da década de 30, esta então nova cultura política já se havia transformado em uma “viable part of the political spectrum in virtually all West European countries”⁶ e – como demonstram os casos húngaro, romeno ou precisamente a AIB – não apenas no oeste do Velho Continente ou unicamente na Europa. Parecia se confirmar, assim, a ideia de Mussolini de uma “Rome-led yet universal revolution”,⁷ e em 1933 a chegada do nazismo ao poder em Alemanha sancionou o caráter e a aceitação internacional do fascismo.

Assim, em pouquíssimos anos da década de trinta do século XX, marcada profundamente pela crise econômica de 1929 e suas dramáticas consequências para as democracias do entreguerras, a AIB e a FE desenvolveram suas estruturas organizacionais, elaboraram discursos e levaram a cabo práticas de socialização fascistas até lançar sua respectiva tomada de poder, a ‘conquista do Estado’. A Falange tentou primeiro, em julho de 1936, como parte integrante – mas subordinada – de uma heterogênea coalizão de forças autoritárias e de extrema direita que deu um golpe de Estado contra a democracia da Segunda República que provocou uma sangrenta guerra civil. Quase dois anos depois, em maio de 1938, foi a vez da AIB tentar o mesmo, com o seu Levante integralista contra a incipiente ditadura do *Estado Novo*; no entanto, fracassou. Assim, enquanto na Espanha a Falange iniciava sua ascensão ao poder (que, na verdade, não ostentaria de modo solitário durante quarenta anos de ditadura), no Brasil, a AIB se dissolveu, e seu Chefe supremo, Plínio Salgado, exilou-se em Portugal, *nação amiga* da Espanha franquista.

Nas três décadas seguintes, a AIB foi considerada uma “mera cópia caricata” dos fascismos europeus⁸ e, conseqüentemente, foi ignorada tanto pela historiografia brasileira quanto pelos estudos internacionais sobre fascismo.⁹ As pesquisas só tiveram início em princípios dos anos setenta, com a

⁴ SAZ, Ismael. El franquismo. ¿Régimen autoritario o dictadura fascista?. In: TUSELL, Javier et alii (Eds.). *El régimen de Franco (1936-1975). Política y Relaciones Exteriores*. Madri: UNED, 1993, p. 189-201, 192.

⁵ SMITH, D.M. *Mussolini*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1981, p. 108; apud. BAUERKÄMPER, Arnd. *Der Faschismus in Europa 1918-1945*. Stuttgart: Reclam, 2006, p. 166.

⁶ ORLOW, Dietrich. Fascists among themselves: some observations on west European politics in the 1930s. *European Review*, Cambridge, v. 11, n. 3, 2003, p. 245-266, 246. <https://doi.org/10.1017/S1062798703000267>

⁷ GRIFFIN, Roger. Europe for the Europeans. Fascist Myths of the European New Order 1922-1992. In: FELDMAN, Matthew (Ed.). *A fascist Century*. Essays by Roger Griffin. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008, p. 132-180 (aqui 139 e 143). https://doi.org/10.1057/9780230594135_7

⁸ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 36, 2010, p. 118-138, 119. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2010.1.7856>

⁹ TRINDADE, Héglio. Apresentação. In: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 9-10, 9; LINZ, Juan B. Prefácio à segunda edição. In: TRINDADE. *Integralismo...*, p. VII-XVII, VIII.

tese de doutorado de um politólogo, Hégio Trindade.¹⁰ As análises históricas, que cresceram nos anos oitenta, experimentam desde o ano 2000 uma verdadeira irrupção.¹¹ Após longos debates e discussões sobre o possível caráter fascista do integralismo, parece existir um consenso em considerá-lo, fazendo uso das palavras de Roger Griffin, em 1991, “an authentic form of non-European fascism”, apesar de o próprio historiador britânico ter reconhecido, vinte anos depois, que o brasileiro segue sendo um dos “relatively neglected fascist movements”.¹²

Também no caso espanhol houve, durante décadas, um intenso debate historiográfico sobre, paradoxalmente, o caráter fascista ou não do fascismo espanhol. Na base deste debate subjaziam, entre outros fatores, a confusão *pars pro toto* da Falange com a ditadura franquista assim como – principalmente na historiografia internacional, mas também na espanhola – a crença em um suposto atraso histórico da Espanha, entre cujos inumeráveis fracassos estaria também o de um fascismo atrasado e incompleto, incapaz de aguentar comparação alguma com os modelos italiano e alemão.¹³ Nas últimas décadas, estes postulados foram superados pelos avanços quantitativos e qualitativos da historiografia sobre o fascismo espanhol, a qual em grande parte já não hesita em reconhecer sua modernidade e seu radicalismo como fascistas.

No que concerne às relações e aos contatos entre Espanha e Brasil, a historiografia contemporânea espanhola – extremamente atenta à América Latina no que se refere a temas como os populismos ou as ditaduras durante a Guerra Fria – não prestou atenção, por outro lado, ao fascismo brasileiro e precisou esperar bastante para poder encontrar algumas primeiras – e muito recentes – aproximações comparadas.¹⁴ No Brasil, por sua parte, os enfoques transnacionais no estudo do integralismo demonstraram “un claro crecimiento en los últimos años”, porém se centraram em reconstruir as influências procedentes de Portugal e da Itália. Ainda que haja a constatação do “papel

¹⁰ Originalmente em francês, foi publicada em português como TRINDADE. *Integralismo...*

¹¹ Para uma atualizada aproximação historiográfica em espanhol, ver GONÇALVES, Leandro Pereira. Un ensayo bibliográfico sobre el integralismo brasileño. *Ayer*, Madri, v. 105, 2017, p. 241-256.

¹² Respectivamente, GRIFFIN. *The Nature of Fascism*, p. 151, e ÍD. *Fascism and Culture: A Mosse-Centric Meta-Narrative (or how Fascist Studies Reinvented the Wheel)*. In: PINTO, António Costa (Ed.). *Rethinking the Nature of Fascism. Comparative Perspectives*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011, p. 85-116, 108. https://doi.org/10.1057/9780230295001_4

¹³ Uma revisão crítica destas posturas em SAZ, Ismael. Paradojas de la historia, paradojas de la historiografía. Las peripecias del fascismo español. *Hispania*, Madri, v. LXI/1, n. 207, 2001, p. 143-176. <https://doi.org/10.3989/hispania.2001.v61.i207.309>; disponível em: <http://www.contemporaneaugr.es/files/SAZ,%20Ismael_%20Paradojas_.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019. Para uma análise recente de tais avanços historiográficos, ver SANZ HOYA, Julián. A Fascism That Came to Stay? On Spanish Falange's Political Culture. In: SAZ, Ismael et alii (eds.), *Reactionary Nationalists, Fascists and Dictatorships in the Twentieth Century. Against Democracy*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019, p. 183-201, especialmente 183-187. https://doi.org/10.1007/978-3-030-22411-0_10

¹⁴ Obra, inclusive, de uma historiadora brasileira e derivados de sua tese de doutorado; GRECCO, Gabriela de Lima. De la pluma como oficio a la pluma oficial: Estado y literatura durante los Nuevos Estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945). Tese de doutorado, Universidad Autónoma de Madrid, Madri, 2017.

significativo” da Península Ibérica, no que concerne à Espanha ainda fazem falta – conforme sugere Gonçalves – muitas pesquisas.¹⁵

Dada “la vitalidad de las relaciones directas e indirectas entre ambos estados [y] sus semejanzas culturales”, surpreende esta ausência de trabalhos comparativos entre dois países iberoamericanos como Brasil (importante no Sul global) e Espanha (na periferia do Norte).¹⁶ Para além de razões estritamente linguísticas (em se tratando de línguas similares), a explicação talvez possa ser encontrada nos problemas derivados da distância geográfica (por exemplo, no momento de encontrar bibliografia ou organizar um período de investigação), mas também não se pode descartar a tendência a buscar temas nas entranhas das respectivas tradições historiográficas nacionais ou de seus espaços geográficos ‘próprios’¹⁷ e, no caso dos estudos sobre fascismo, a lançar – incluindo aqui quem escreve este texto – qualquer olhar comparado, de forma quase automática, ao resto da Europa.

Considerando este contexto, o presente texto busca ser uma colaboração a este incipiente campo de estudos comparados sobre os fascismos brasileiro e espanhol. E tem a intenção de ampliá-lo, ainda, por meio dos estudos de gênero, que, nas últimas décadas, tiveram “a positive impact [...] on fascist studies”.¹⁸ Configura-se, portanto, como uma primeira análise comparativa entre as ‘camisas azules’ e as *Blusas Verdes*, e também (que saibamos) entre as fascistas brasileiras e as de qualquer país da Europa do período entreguerras. Dado que a duração e evolução do integralismo e do falangismo foram bem diferentes, para facilitar as possibilidades de comparação, centraremos-nos no período em que nenhum dos dois movimentos esteve no poder, o qual delimita substancialmente a cronologia escolhida: os cinco anos de existência da AIB (1932-1937) e os quase três desde a fundação da Falange até o verão de 1936. Dentro deste recorte, o texto inicia com uma breve revisão da fundação da AIB e da FE no contexto do universo fascista do entreguerras, mas também da situação dos seus respectivos países. Em segundo lugar, presta atenção à adesão das primeiras mulheres a ambos os movimentos fascistas e às resistências que tiveram de superar para que se filiassem. Por fim se dedicará, em terceiro lugar, à análise das atividades que, com semelhanças e algumas diferenças, desempenharam as primeiras integralistas e falangistas.

São Paulo 1932, Madri 1933

¹⁵ GONÇALVES. Un ensayo bibliográfico..., p. 250-251.

¹⁶ Em palavras de GRECCO. De la pluma como oficio..., p. 28.

¹⁷ Concretamente, em países vizinhos ou que fizeram parte dos respectivos impérios coloniais. Assim, chamam a atenção as frequentes sugestões recebidas por Grecco para que redigisse sua tese estabelecendo comparação entre Brasil/Portugal, Brasil/Argentina ou Espanha/Portugal; GRECCO. De la pluma como oficio..., p. 28.

¹⁸ IORDACHI, Constantin. Comparative Fascist Studies. An introduction. In: ÍD. (Ed.). Comparative Fascist Studies. New Perspectives. Londres e Nova York: Routledge, 2010, p. 1-50, 39.

Não obstante, para entender o surgimento da AIB e da FE, é preciso considerar também a situação concreta de ambos os países, imersos em profundas transformações políticas e sociais. No Brasil, uma revolução tinha posto fim, no outono de 1930, à *Primeira República*. Após a Primeira Guerra Mundial, a irrupção da sociedade de massas na América Latina evidenciou uma “crisis terminal de la concepción oligárquica” e o *crack* de 1929 terminou confirmando o final da “época dourada” de crescimento desde o final do século XIX.¹⁹ Os problemas econômicos vinham acompanhados do enfraquecimento dos valores liberais, os conflitos sociais (desemprego, greves) e a mobilização da opinião pública.²⁰ Neste contexto, o maior país latinoamericano se encontrava “traumatizado”, afundado em uma grande crise política e social, com as instituições a ponto de colapsar e à beira de uma guerra civil.²¹

Em todo o continente, novas articulações políticas anunciavam mudanças substanciais.²² No Brasil, com as “primeras manifestaciones más o menos colectivas de ‘modernidad’” nas principais cidades, uma nova geração pedia passagem em um ambiente de grande efervescência cultural – com o modernismo como protagonista – para construir um novo país.²³ Uma das possíveis reformulações era a fascista e, em outubro de 1932, dois anos depois da revolução que havia dado início à *Segunda República*, Plínio Salgado, um intelectual e influente escritor de origens modernistas, leu seu *Manifesto de Outubro*, que era não só o mês em que se encontravam, mas também o da *Marcia su Roma*, para cujo décimo aniversário faltavam apenas três semanas. Ele o fez – assim como os três oradores em Madri, um ano depois – em um teatro, o Municipal de São Paulo, não por acaso a cidade que era não só palco, mas sim “principal centro de esas tentativas de renovación” cultural.²⁴

Na Espanha, os primeiros anos da década de 30 foram também uma época de grandes mudanças depois do período de modernização econômica, crescimento demográfico e mobilização política. Em janeiro de 1930, havia demitido o general Miguel Primo de Rivera, o ditador que – com o consentimento real – havia comandado os desígnios do país durante boa parte da década anterior após ter dado um golpe de Estado em 1923 para evitar pela via autoritária que, no contexto de democratização da imediata primeira pós-guerra mundial, o liberalismo parlamentar espanhol pudesse

¹⁹ Respectivamente, ALCÁZAR, Joan del. América Latina en el siglo XX. In: AMORES CARREDANO, Juan B. (Coord.). *Historia de América*. Barcelona: Ariel, 2006, p. 801-856, 818; e ALCÁZAR, Joan del et alii. *Història contemporània d'Amèrica*. València: Universitat de València, 2002, p. 182.

²⁰ TABANERA, Nuria. *Historia internacional de América Latina (1776-1945)*. Madri: Síntesis, 2017, p. 165.

²¹ MOTA, Carlos Guilherme e LÓPEZ, Adriana. *Historia de Brasil*. Una interpretación. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2009, p. 469-474.

²² GULLÓN ABAO, Alberto J. e SIXIREI PAREDES, Carlos. La sociedad de América Latina en el siglo XX. In: AMORES CARREDANO. *Historia de América*, p. 775-785, 782.

²³ MOTA e LÓPEZ. Op. Cit., p. 505, 466, e 487.

²⁴ Ibid., p. 505. Uma primeira aproximação à AIB em língua espanhola em: GRECCO, Gabriela de Lima. El fascismo tropical: literatura y *Ação Integralista Brasileira*. *Ayer*, Madri, vol. 111, 2018, p. 253-282.

desembocar em uma democracia. Depois de sua queda, as tentativas de uma monarquia, já carente de apoio, em função de atrasar o relógio da história fracassaram. Em abril de 1931, seis meses depois do fim da *Primeira República* no Brasil, em Espanha o “régimen oligárquico y caciquil”²⁵ da Restauração acabou sendo derrubado e tornou possível a proclamação da Segunda República, em meio a um ambiente de entusiasmo generalizado. A espanhola era a primeira democracia que se formava na Europa depois de mais de dez anos, mas isso se deu em um contexto adverso, tanto do ponto de vista econômico quanto do político, considerando-se o evidente retrocesso das democracias europeias sob o impulso de regimes autoritários e fascistas. Além disso, a democracia chegou ao maior país da Península Ibérica de forma quase inesperada poucas semanas antes e teve de imediatamente fazer frente aos que eram considerados os quatro grandes problemas históricos da Espanha daquele momento: a questão agrária, a questão militar, a questão eclesiástica e a questão territorial. A vontade de enfrentar tais problemas e as reformas efetivamente aplicadas sob uma crescente demanda social fez com que os primeiros governos republicanos fossem paulatinamente perdendo apoios, de ambos os lados do espectro político. Enquanto isso, passado o choque dos primeiros meses, as direitas foram se reorganizando e recompondo sua base social em princípios cada vez mais autoritários. Assim, a chegada da democracia à Espanha implicou também “la hora del fascismo”²⁶: antes de que a República completasse o seu primeiro ano, fundaram-se as *Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista*, a primeira organização política oficialmente fascista do país, e, em 1933, a anteriormente mencionada Falange.

Para ambos os fascismos era muito importante, a título de legitimação, diferenciar-se do período anterior: respectivamente, a *Primeira República* no Brasil e a Segunda República espanhola. Com isso, não faziam outra coisa que não replicar um *Zeitgeist* dominante nos anos do entreguerras, que via nos regimes precedentes algo obsoleto, a ser superado. Para construir essa imagem, utilizavam uma linguagem vitalista, talvez ‘bio-política’, que recorria a metáforas características da natureza (velho/novo, fraco/forte, moribundo/vital...) para definir movimentos políticos. Assim, no Brasil, o integralismo se apresentaria como uma “respuesta generacional”²⁷ de uma ‘nova’ e ‘jovem’ geração à crise de uma República que passou a ser apelidada de *Velha*, nas palavras de Plínio Salgado, “uma velha fachada” que era necessário superar e cujas instituições eram nada mais que portadoras de “ideias velhas”.²⁸ Destruída pela revolução de 1930, o fascismo brasileiro pretendia acabar de romper

²⁵ CASANOVA, Julián. *República y Guerra Civil*. Historia de España. Volumen 8. Barcelona e Madri: Crítica e Marcial Pons, 2007, p. 3.

²⁶ SAZ. Paradojas de la historia..., p. 162.

²⁷ GRECCO. El fascismo tropical, p. 262, 264.

²⁸ Citado a partir de: TRINDADE. *Integralismo...*, respectivamente, p. 76-77 y 67. No entanto, de nenhum modo se tratava de uma retórica exclusiva dos integralistas. Não por acaso a ditadura de Getúlio Vargas recebeu a denominação de *Estado Novo*, a mesma que em Portugal e praticamente idêntica ao já mencionado *Nuevo Estado* falangista e, posteriormente, franquista.

definitivamente com esse passado liberal e impor, em seu lugar, “ideias novas”.²⁹ Na Espanha, os falangistas – que chegaram inclusive a ver na proclamação da Segunda República, em 1931, algo de positivo por ter acabado com o regime anterior – também viam nos partidos políticos e no parlamento algo ‘velho’, ultrapassado, próprio da ‘antiga’ ordem liberal, da velha política oligárquica e arbitraria mais característica do século XIX que da ‘nova’ época, do *Novo Estado* que eles se viam convocados a impor na Espanha.³⁰ Tanto integralistas quanto falangistas reproduziam uma retórica comum a outros fascismos, como o italiano com seu *Largo ai giovani!* (‘Deem lugar aos jovens!’) ou o alemão *Macht Platz, ihr Alten* (‘Abram espaço, velhos’),³¹ ambos reflexos tanto do mito da juventude quanto do seu caráter inovador como movimentos políticos com um importante segmento de filiados jovens.

Sintomaticamente, a fundação tanto da AIB como da FE foi precedida pela visita de seus líderes ao berço do fascismo. Naquela ocasião, Roma não era apenas a capital italiana, mas também o genuíno “epicentro”³² de uma “rede fascista”,³³ ou o “centro gravitacional”³⁴ em torno do qual grupos afins relativamente importantes orbitavam em “campos magnéticos”.³⁵ Chegavam delegações do exterior para ver, *in loco* e com seus próprios olhos, o ‘modelo’ italiano. Uma audiência com Mussolini era considerada não somente o ponto culminante da visita, mas também uma “credencial no mundo fascista”.³⁶ Neste contexto, em junho de 1930, Salgado foi recebido por Mussolini em uma breve – e provavelmente protocolar – reunião, da qual o brasileiro saiu com admiração, euforia... e certo financiamento. Fascinado, retornou ao seu país com a intenção de fundar um movimento equivalente, mas original, como fez em outubro de 1932.³⁷ No ano seguinte, foi a vez de José Antonio Primo de Rivera conseguir agendar uma reunião no Palazzo Venezia; apenas dez dias depois, já de volta a Madri, fundou a Falange.³⁸

As primeiras fascistas no Brasil e na Espanha: organização e filiação

²⁹ Ibid., p. 67.

³⁰ GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo et alii. *La Segunda República Española*. Barcelona: Pasado & Presente, 2015, p. 581-582.

³¹ Respectivamente KOON, Tracy H. *Believe, Obey, Fight. Political Socialization of Youth in Fascist Italy, 1922-1943*. Chapel Hill & London: University of North Carolina Press, 1985, p. 198. STACHURA, Peter D. Who Were the Nazis? A Socio-Political Analysis of the National Socialist Machtübernahme. *European History Quarterly*, vol. 11 (1981), p. 293-324, 309.

³² BAUERKÄMPER, Arnd. Transnational Fascism: Cross-Border Relations between Regimes and Movements in Europe, 1922-1939. *East Central Europe*, Amsterdam e Budapest, vol. 37, 2010, p. 214-246, 218. <https://doi.org/10.1163/187633010X534469>

³³ WOLLER, Hans. *Geschichte Italiens im 20. Jahrhundert*. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2011, p. 141. <https://doi.org/10.17104/9783406615207>

³⁴ Ibid.

³⁵ BAUERKÄMPER, Arnd. Ambiguities of Transnationalism. Fascism in Europe between paneuropeanism and ultranationalism, 1919-39. *German Historical Institute London Bulletin*, Londres, vol. 29, n. 2, 2007, p. 43-67, 45.

³⁶ WOLLER, *Geschichte Italiens*, p. 141.

³⁷ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 198-213.

³⁸ SAZ, Ismael. *Mussolini contra la II República*. Valência: Edicions Alfons el Magnànim – IVEI, 1986, p. 113-118.

Precisamente deste ato fundacional data também a presença de mulheres no partido fascista espanhol. Como observamos inicialmente, quase concomitantemente (dezembro de 1933), mas a 7.000 quilômetros de distância, um grupo de mulheres fundou o primeiro grupo fascista feminino uniformizado em Teófilo Otoni.³⁹ Durante sua curta existência, as brasileiras não somente protagonizaram a mobilização feminina mais efetiva entre suas homólogas do ConeSul, como também foram a organização de extrema direita que mobilizou mais mulheres no Brasil até os anos sessenta.⁴⁰ Desta forma, sua presença desde o começo dos seus respectivos fascismos constitui um primeiro aspecto compartilhado por integralistas e falangistas.

Em segundo lugar, seu estudo apresenta uma evolução semelhante em ambos os países: marginalizadas, inicialmente, pelas respectivas historiografias sobre fascismo⁴¹ (mas também pela história das mulheres), desde o fim dos anos noventa as pesquisas relativas a elas foram adquirindo uma crescente relevância.⁴² Por outro lado, o acesso às fontes expôs dificuldades consideráveis. Na AIB, o papel das mulheres ficou “muito pouco documentado pela memória individual” e inclusive os primeiros estudos se depararam com os problemas que a distância cronológica impunha no momento de reunir fontes orais.⁴³ Além disso, como acontece também no caso espanhol (entre muitos outros), as antigas comandantes fascistas revelaram uma tendência muito menor a relatar em primeira pessoa – e ainda menos a publicar – suas experiências políticas, extremo oposto do que ocorria com os comandantes ou ocupantes de altos cargos masculinos da ditadura, inclusive aqueles de menor patente ou importância.

Em terceiro lugar, se a aparição de movimentos fascistas ocorreu em uma fase de democratização (a Segunda República, denominação pela qual ficou conhecida tanto no Brasil quanto na Espanha), sua

³⁹ DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas: The Extreme Right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890-1939*. Stanford: Stanford University Press, 1999, p. 283.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 248, e ÍD.: Spartan Mothers: Fascist Women in Brazil in the 1930s. In: BACCHETTA, Paola e POWER, Margaret (Eds.). *Right-Wing Women. From Conservatives to Extremists around the World*. Londres: Routledge, 2002, p. 155-167, 156.

⁴¹ Assim constataram, em seu momento, por parte espanhola, GALLEGRO MÉNDEZ, M^a Teresa. *Mujer, Falange y Franquismo*. Madri: Taurus, 1983, p. 75, e DEL RINCÓN GARCÍA, M^a Fernanda. *Mujeres azules, la Sección Femenina 1934-1945*. Trabalho de conclusão de curso, Universitat de València, València, s.a. (1985?), p. 2; para o caso da AIB: OLIVEIRA. A evolução dos estudos..., p. 133.

⁴² ATHAIDES, Thiago da Costa. O fascismo genérico e o Integralismo: uma análise da Ação Integralista Brasileira à luz de recentes teorias do fascismo. *Dialogos. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá*, Maringá, vol. 18, n. 3, 2014, p. 1305-1333, 1325. Para o caso espanhol, ver BLASCO HERRANZ, Inmaculada. Género y franquismo: un balance historiográfico. In: LEÓN ÁLVAREZ, Aarón (Coord.). *El Franquismo en Canarias*. Tenerife: Le Canarien Ediciones, 2014, p. 69-88; um olhar recente às primeiras falangistas pela perspectiva europeia, em MORANT i ARIÑO, Toni. “Las mujeres que también fueron fascistas”. Los primeros años de la Sección Femenina de Falange en una mirada transnacional. *Historia del Presente*, Madri, vol. 32, 2018, p. 11-41.

⁴³ POSSAS, Lídia Maria Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar et alii (Orgs.): *Integralismo: novos estudos e reinterpretaciones*. Rio Claro: Arquivo Público do Município, 2004, p. 107-126, 114, e LOPES, Daniel Henrique. *As experiências femininas na AIB, 1932-1938. Revendo o Passado. Género e Representações*. Dissertação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007, p. 37, 39, 44.

adesão feminina coincidiu com momentos de importantes mudanças sociais e avanços legais em relação à condição das mulheres. No Brasil, as mulheres haviam começado a ocupar um “nuevo lugar [...] en el escenario nacional” e tiveram reconhecido seu direito ao voto em 1932, mesmo ano da fundação da AIB e um ano anterior à formação de seu primeiro grupo feminino.⁴⁴ Da mesma forma, após a proclamação da República, as espanholas testemunharam o reconhecimento de uma série de direitos: mesmos direitos eleitorais e igual acesso à maioria, legislação trabalhista, licença-maternidade, casamento civil, divórcio, etc.

Em quarto lugar, muito se escreveu sobre as razões da filiação feminina a movimentos fascistas. Ainda que não seja possível conhecer a motivação da maioria delas, várias autoras destacaram fatores externos, destacando que muitas integralistas⁴⁵ e falangistas⁴⁶ se filiaram por terem sido motivadas pelos homens de suas famílias (pais, irmãos,...), colegas de trabalho ou de estudo, ou até por outras mulheres do seu círculo familiar ou do grupo de amigas. Não obstante, sem a intenção de negar que de fato assim ocorreu em numerosos casos, também não podemos generalizar e negar o caráter autônomo da sua motivação política (algo que não costuma ser exposto quando se trata de homens fascistas), quando o mais lógico seria pensar que as “mujeres que también fueron fascistas”⁴⁷, filiaram-se por iniciativa própria, ou seja, porque quiseram. Como lembrou Mary Vincent, de fato a Seção Feminina (SF) da Falange só existiu pela insistência demonstrada por um grupo de jovens madrilenhas para poder entrar no partido fascista.⁴⁸ E também no Brasil a filiação de muitas integralistas representou uma resposta a motivações próprias e de caráter claramente político: o nacionalismo, a luta contra o comunismo, o materialismo e a desordem social, a confiança em um projeto revolucionário...⁴⁹

De fato, para poder levar a cabo tal projeto, muitas delas tiveram de fazer frente e vencer resistências masculinas, como confirmam inúmeros depoimentos, contemporâneos e posteriores. Por um lado, a primeira oposição a superar costumava ser a paterna. Como destacou Pilar Primo de Rivera, a delegada nacional da SF: “Los padres no dejaban que las chicas se metieran en ‘esas cosas’; ellos sabían que la Falange era una cosa difícil y heroica más propia de muchachos y algunos hasta se sentían orgullosos de que sus hijos lo fuesen, pero las chicas era otra cosa”.⁵⁰ Assim, algumas falangistas de Jerez (em Andaluzia, região sul do país) foram “castigadas duramente” quando seu pai soube de suas

⁴⁴ MOTA e LÓPEZ. *Historia de Brasil*, p. 490.

⁴⁵ DEUTSCH. *Spartan mothers...*, p. 160.

⁴⁶ Segundo afirmaram, entre outras especialistas, GALLEGO MÉNDEZ: *Mujer, Falange...*, p. 20, e DELGADO BUENO, M^a Beatriz. *La Sección Femenina en Salamanca y Valladolid durante la Guerra civil. Alianzas y rivalidades*. Tese de doutorado, Universidad de Salamanca, Salamanca, 2009, p. 28.

⁴⁷ Por utilizar a expressão de DEL RINCÓN GARCÍA. *Mujeres Azules...*, p. 2.

⁴⁸ VINCENT, Mary. Spain. In: PASSMORE, Kevin (ed.): *Women, Gender and Fascism in Europe, 1919-1945*. Manchester: Manchester University Press, 2003, p. 189-213, 208.

⁴⁹ DEUTSCH. *Las Derechas...*, p. 283.

⁵⁰ PRIMO DE RIVERA, Pilar. *Historia de la Sección Femenina*. XII. Y. *Revista para la Mujer*, n. 13, fevereiro de 1939.

filiações em maio de 1936.⁵¹ No Brasil, Margarida Corbisier, uma importante escritora integralista, filiou-se à AIB contra a vontade de seu irmão Roland, um jovem intelectual do partido.⁵² Por outro lado, as fascistas também não encontraram facilidades em alguns movimentos até então exclusivamente masculinos. Como recordou em suas memórias Primo de Rivera, as primeiras falangistas se depararam com a realidade de que seus potenciais ‘camaradas’ “al principio no querían admitir mujeres”, argumentando que se tratava de um movimento político, de força e violento... Resumindo: coisa ‘de homens’.⁵³ As fascistas brasileiras também não receberam calorosas boas-vindas, pelo menos não ao princípio: predominava a concepção do integralismo como um movimento de natureza masculina, provavelmente porque, em si, os integralistas viam a política como uma “cause constructed as male” e, portanto, inadequada à ‘natureza’ feminina.⁵⁴ Uma de suas principais revistas (*Anaè!*) proclamou que “all integralistas [we]re young men” e, segundo um jornal universitário, a AIB era “not a girls’ high school. It [was] a school of men”.⁵⁵ Ainda assim, tanto as integralistas quanto as falangistas superaram tais resistências.

Em quinto lugar, uma vez incorporadas aos seus respectivos movimentos, umas e outras tiveram uma trajetória organizacional semelhante. A AIB e a FE sabiam – ou acabaram admitindo – que um projeto totalitário não podia excluir a metade (ou mais) da população que vinha enquadrar e regenerar.⁵⁶ Para as espanholas, “no ha[bía] obra completa sin la mujer”, razão pela qual a Falange necessitava “también de las mujeres para que su obra fuera entera y acabada”.⁵⁷ Inicialmente, as fascistas de ambos os países tiveram de se integrar a grupos até então exclusivamente masculinos: as falangistas, no SEU (o Sindicato Espanhol Universitário) e as integralistas, nas células locais da AIB, denominadas ‘núcleos’. Não obstante, em seguida formaram seus próprios grupos; as brasileiras, ao final de 1933, e as espanholas, a meados do ano seguinte. Na AIB, o exemplo do já mencionado grupo de Teófilo Otoni levou menos de seis meses para se estender ao Rio de Janeiro (que era a capital naquele momento) e São Paulo, e em menos de um ano estava já por todo o país.⁵⁸ Na Espanha, a necessidade de assistir o crescente número de feridos e presos nas filas fascistas (e suas famílias) acabou convencendo os falangistas da conveniência de contar com uma organização auxiliar feminina. Em ambos os casos, esta estrutura segregada separava os segmentos femininos e definia funções a seus integrantes de acordo

⁵¹ Conforme uma carta de 26.5.1936, reproduzida em PRIMO DE RIVERA, Pilar. *Historia de la Sección Femenina*. VIII. *Y. Revista para la Mujer*, n. 9, outubro de 1938.

⁵² DEUTSCH. *Spartan mothers...*, p. 160.

⁵³ PRIMO DE RIVERA, Pilar. *Recuerdos de una vida*. Madri: Dyrsa, 1983, p. 60.

⁵⁴ DEUTSCH, Sandra McGee. What Difference Does Gender Make? The Extreme Right in the ABC Countries in the Era of Fascism. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel-Aviv, vol. 8, n. 2 (1996), p. 4. Disponível em: <<http://eial.tau.ac.il/index.php/eial/article/view/1107/1138>>. Acesso em: 30 set. 2019.

⁵⁵ Ambas as citações a partir de DEUTSCH. *Las Derechas...*, p. 283.

⁵⁶ DEUTSCH. What Difference Does Gender Make?..., p. 3.

⁵⁷ PRIMO DE RIVERA, Pilar. *Historia de la Sección Femenina*. *Y. Revista para la mujer*, n. 1, fevereiro de 1938.

⁵⁸ DEUTSCH. *Las Derechas...*, p. 283.

com o seu gênero, mas, concomitantemente, também concedia a integralistas e falangistas espaços próprios, de autonomia de ação e de suas próprias hierarquias femininas.⁵⁹

Tradicionalis e nem tanto: as atividades das mulheres fascistas

A principal diferença entre as integralistas e as falangistas provavelmente consista no grau de desenvolvimento organizacional alcançado antes de que seus respectivos partidos decidissem tomar o poder. Em agosto de 1936 (casualmente ou não, três semanas depois do golpe de Estado na Espanha), a AIB criou a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos para enquadrar as mulheres e juventudes do partido.⁶⁰ A estratificação do seu Departamento Feminino em cinco seções (com suas correspondentes subseções), a amplitude das funções assumidas e as instalações de que dispuseram são um reflexo da ambição “pré-estatal”⁶¹ da estrutura organizativa do fascismo brasileiro e sua evidente pretensão totalitária. Isso se destaca ainda mais – também em um plano comparado – se considerarmos que não se tratava da organização feminina do partido único de uma ditadura. Como não há estudos mais detalhados, pode-se supor que uma razão poderia ser a diferença temporal de que dispuseram desde a sua fundação: enquanto as integralistas tiveram praticamente quatro anos até a ilegalização da AIB ao final de 1937, as falangistas tiveram apenas dois anos antes de julho de 1936, até menos se considerarmos que o partido se tornou ilegal em março.

Apesar disso, as atividades desenvolvidas por integralistas e falangistas tinham bastante em comum. Suas primeiras funções foram aquelas tradicionalmente consideradas ‘femininas’, ou seja, de apoio aos homens. Com a missão de “manter por todas as formas o lar puro”,⁶² as brasileiras elaboravam utensílios decorados com os símbolos da AIB (xícaras, broches, caixas de fósforos cuja venda servia, também, como financiamento),⁶³ ensinavam a ler e a escrever nas suas Escolas de Alfabetização,⁶⁴ e, por último, formavam – significativamente – as juventudes do partido, os denominados Plinianos, meninos e meninas entre 4 e 15 anos.⁶⁵ Por sua vez, as falangistas assumiram, inicialmente, tarefas semelhantes: costuravam camisas para seus ‘camaradas’, costuravam bandeiras, visitavam os cada vez mais numerosos presos ou seus familiares, cuidavam dos doentes e feridos; e, por

⁵⁹ Como para o caso brasileiro indicou DEUTSCH. *Spartan mothers...*, p. 162.

⁶⁰ CAVALARI. *Integralismo: ideologia e organização...*, p. 65-69.

⁶¹ TRINDADE. *Integralismo...*, p. 161.

⁶² Citado a partir de POSSAS. *O integralismo e a mulher*, p. 110.

⁶³ Basicamente, a letra grega Σ (sozinha, sobre um mapa com a forma do Brasil ou sobre fundo azul como bandeira) ou o retrato de Salgado; cf. LOPES. *As experiências...*, p. 49-52.

⁶⁴ Requisito para depois poder inscrevê-los como votantes, pois a lei eleitoral brasileira só concedia o direito de voto à população alfabetizada; CAVALARI. *Integralismo: ideologia e organização...*, p. 63-65.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 66.

último, distribuíam propaganda, faziam coletas em atos do partido ou pelas casas e negócios de simpatizantes e vendiam selos, flores e sabonetes com o símbolo da Falange para arrecadar fundos.⁶⁶ Inicialmente, isso supunha a prolongação ou projeção ao âmbito social de funções equivalentes às até então desenvolvidas no âmbito familiar.

No entanto, como afirmou Jill Stephenson para as nacional-socialistas, ao analisarmos suas atividades, devemos considerar que, inclusive durante as tarefas mais domésticas (como costurar ou lavar roupa), ocorria um processo de socialização política.⁶⁷ Assim, também para falangistas e integralistas cabe inferir que, enquanto exerciam atividades *a priori* tradicionais, comunicavam-se umas com as outras, discutiam política ou entoavam canções do partido, ou seja, politizavam-se. Além disso, seu leque de atividades era extremamente variado e foi evoluindo, adaptando-se às circunstâncias até acabar abarcando âmbitos pouco ou nada tradicionais. Em primeiro lugar, seu mero enquadramento em um movimento político já constituía, por si, a entrada em um espaço até o momento impossibilitado, vedado. Então, simbolicamente, as fascistas brasileiras se reuniam nas próprias sedes da AIB, espaços que até sua chegada haviam sido exclusivamente masculinos. Lá discutiam suas publicações ou escutavam conferências sobre doutrina, gênero, política ou finanças, oferecidas por homens e mulheres.⁶⁸

Em segundo lugar, a consequência mais visível de sua adesão ao fascismo era sua uniformização, característica da política de entreguerras, mas, até então, nada típica em mulheres, a não ser que fossem religiosas ou da área da saúde. Para as brasileiras, a camisa verde constituía o “símbolo máximo integralista” e, assim como a saudação ou o grito de terror, era também um duplo marcador político: externamente, diferenciava-as do restante da sociedade, enquanto, internamente, reconhecia-as como integrantes de um mesmo movimento, também para seus camaradas masculinos.⁶⁹ Vestir uniforme equivalia a uma profissão pública de fé política, um “orgulho, porque embora mulher desejo contribuir para a salvação de minha pátria”.⁷⁰ As falangistas recorriam ao mesmo conceito para falar de “nuestras queridísimas camisas azules, que son nuestro orgullo” ou de “nuestra camisa azul, que tan orgullosamente vestimos siempre”.⁷¹ Não em vão, assim como nos homens, sua importância foi tal que, como uma metonímia, o nome dessa peça acabou substituindo não somente todo o uniforme, mas

⁶⁶ PRIMO DE RIVERA. *Recuerdos de una vida*, p. 65; GALLEGO MÉNDEZ. *Mujer, Falange...*, p. 26 e 44; e PRIMO DE RIVERA, Pilar. *Historia de la Sección Femenina*. VIII. Y. *Revista para la mujer*, n. 9, outubro de 1938.

⁶⁷ STEPHENSON, Jill. *Women in Nazi Society*. Londres: Croom Helm, 1981, p. 26.

⁶⁸ DEUTSCH. *Las Derechas*, p. 288.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 258, e VIEIRA, Samuel Mendes e GONÇALVES, Leandro Pereira. “Plínio, com que roupa eu vou?!”: as roupas como elemento unificador da ação integralista brasileira. *CEJ Revista*, Juiz de Fora, vol. 24, 2010, p. 187-200, p. 193-7; “símbolo máximo”, em *id.*, p. 193.

⁷⁰ Conforme a carta de uma integralista, citada em POSSAS. *O integralismo e a mulher*, p. 114.

⁷¹ Nas palavras de três falangistas do Auxílio Social em duas cartas (1.10.1937 y 22.11.1937) à sua Delegada Nacional, Mercedes Sanz Bachiller; *Archivo General de la Administración* (Alcalá de Henares, Madri), sección “Cultura” (03), fondo “Auxilio Social” (122), caja 2067.

também quem o vestia. Assim, se as espanholas passaram a denominar-se ‘camisas azules’, as brasileiras – através de uma feminização da peça que não ocorria na SF – eram ‘Blusas Verdes’.

Em terceiro lugar, sua opção política as levou a assumir funções e tarefas pouco tradicionais, menos ainda se eram realizadas com motivações políticas. As integralistas não foram apenas mães, esposas e professoras: podiam trabalhar (fora de casa) e ser escritoras, oradoras públicas, propagandistas, diretoras de revistas ou autoras de artigos em publicações da AIB, não apenas sobre assuntos ou para um público exclusivamente femininos.⁷² Além disso, algumas *Blusas Verdes* obtiveram, nas eleições, cargos de representação política, como vereadoras⁷³, por exemplo, algo que suas homólogas espanholas nunca conseguiram. O que algumas falangistas fizeram foi discursar aos seus companheiros de partido, como foi o caso de Rosario Pereda, que, durante os comícios, costumava dirigir-se aos seus ‘camaradas’, e da Secretária nacional, Dora Maqueda, pelo menos em uma ocasião ante as milícias de Valladolid.⁷⁴

Em quarto e último lugar, outras atividades, como as viagens e as marchas, não eram nem um pouco tradicionais. Por um lado, sua atividade política e a necessidade de se formar, coordenar-se e organizar-se levaram muitas destas fascistas a viajar. As integralistas organizaram dois congressos, um no Rio de Janeiro e outro em Petrópolis, cidade serrana do mesmo estado. O evento realizado no Rio de Janeiro, em outubro de 1936, contou com participantes de, ao menos, onze estados; isso, em muitos casos, significou percorrer centos (quando não milhares) de quilômetros e, conseqüentemente, sua ausência em seus lares durante vários dias.⁷⁵ A SF não chegou a organizar nenhum evento antes da guerra, mas algumas de suas integrantes assistiram aos conselhos nacionais da Falange e o SEU.⁷⁶ Além disso, Primo de Rivera realizou “viajes de propaganda falangista” a outras províncias para fundar grupos de SF, distribuir material e transmitir lemas.⁷⁷ Além das “viajes de inspección” a províncias próximas a Madri, Primo de Rivera fez, pelo menos, duas longas viagens pela metade norte da Península entre 1935 e 1936, acompanhada unicamente por suas primas e/ou pela Secretária nacional; a julgar pelo seu itinerário, percorreram aproximadamente 5.000 quilômetros ao total.⁷⁸ Ainda que, a meados da década de 1930, tais viagens já não representassem uma novidade radical, estas jovens falangistas, com carteira de habilitação e ao volante de um carro, viajando sozinhas por meia Espanha

⁷² GONÇALVES, Leandro Pereira e SIMÕES, Renata Duarte. Nem só mãe, esposa e professora: os múltiplos campos de atuação da mulher militante integralista. In: CRUZ, Natalia dos Reis (Org.). *Ideias e práticas fascistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 61-81, 76-9.

⁷³ DEUTSCH. Spartan mothers..., p. 163.

⁷⁴ Um exemplo em “Actos de Falange Española”, *ABC*, 14 jan 1936, p. 32; PRIMO DE RIVERA, Pilar: Historia de la Sección Femenina. VII. Y. *Revista para la Mujer*, n. 8, setembro de 1938.

⁷⁵ DEUTSCH: *Las Derechas...*, p. 288.

⁷⁶ FÓRMICA, Mercedes. *Visto y vivido, 1931-1937. Una pequeña historia de ayer*. Barcelona: Planeta, 1982, p. 158-159.

⁷⁷ PRIMO DE RIVERA. *Recuerdos de una vida*, p. 66-68; citação na p. 67.

⁷⁸ Sua passagem pela Galícia, em “Actos de Falange Española”, *ABC*, 16 jan 1936, p. 32.

em um tenso clima político e sem acompanhamento masculino, constituíam uma imagem não usual e transmitiam uma ideia de “relative indépendance” e “une certaine modernité”.⁷⁹

Por outro lado, o fato de desfilar (em público, uniformizadas e em forma, marcando o mesmo passo e saudando com o braço erguido) lhes conferia “a martial and militant appearance”, quando não explicitamente militar.⁸⁰ E isso provocava tensões. Em novembro de 1937, quando milhares de integralistas desfilaram pelo centro do Rio de Janeiro, distribuíram-se ramalhetes de flores às cinco mil mulheres uniformizadas ali presentes para suavizar a imagem que davam como mulheres. Ao final, desfilaram com flores nas mãos, “but they still looked like soldiers”.⁸¹ Em contrapartida, ainda que para a SF não haja registro de desfiles até julho de 1936, após o golpe de Estado, a situação mudou radicalmente: só em agosto desfilaram por diversas cidades da zona rebelde como Valladolid, Salamanca, Cádiz ou Saragoça, por cujas ruas as fascistas marcharam em forma (pelo menos em uma ocasião junto a seus camaradas masculinos) e cantando o hino *Cara al Sol*.⁸² Não levou muito tempo para que as tensões de gênero se fizessem presentes também nesse espaço: ao final do mês de agosto, recordava-se às falangistas que não lhes era permitido assumir “nada de aquellas funciones propias de sus camaradas” porque elas deveriam se “distinguir por una gran feminidad en todas sus obras”.⁸³

Primeiras conclusões

As análises sobre fascismo, tão antigas como seu próprio objeto de estudo, sempre tiveram um elemento comparado. No entanto, nas duas últimas décadas, a aplicação do foco transnacional abriu novas possibilidades. Ao deslocar o foco das ditaduras aos movimentos fascistas, esta perspectiva permitiu colocar em primeiro plano não somente as relações entre os diferentes movimentos e partidos, mas também as mulheres fascistas. Para o caso dos fascismos brasileiro e espanhol, o presente texto simboliza apenas um primeiro passo. Desde o início, já existiam suficientes pontos que convidavam à análise: ambos os movimentos fizeram parte da segunda onda de fascismos surgidos na primeira metade da década de trinta; ambos apareceram em momentos de profunda crise e de transformações em seus respectivos países; ambos trataram de tomar o poder (ainda que de formas – e com resultados

⁷⁹ Como afirmou BERGÈS, Karine. *Pilar Primo de Rivera (1906-1991). Cause féminine, idéologie phalangiste, stratégies et enjeux politiques dans l'ombre du régime franquiste*. Tese de doutorado, Université de Toulouse-Le Mirail, Toulouse, 2003, p. 61.

⁸⁰ Como para o caso das brasileiras escreveu DEUTSCH. *Spartan mothers...*, p. 165.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² Respectivamente, *El Norte de Castilla*, 11 jan 1936, e *El Adelanto*, 13 jan 1936; apud DELGADO BUENO: *La Sección Femenina...*, p. 50; “Manifestaciones patrióticas”, *ABC* (Sevilla), 18.8.1936, e ILLION, Régine. Zaragoza, verano de 1936. Tensiones en las filas femeninas del bando nacional. In: FORCADELL, Carlos e SABIO, Alberto (Coords.). *Las escalas del pasado: IV Congreso de Historia Local de Aragón (Barbastro, 3-5 de julio de 2003)*. Huesca: Instituto de Estudios Altoaragoneses e UNED, p. 273-279, 274 y 277.

⁸³ *El Norte de Castilla*, 26 jan 1936; apud DELGADO BUENO: *La Sección Femenina...*, p. 50.

– bem diferentes) e, até esse momento, ambos compartilham uma cronologia quase idêntica, que foi a utilizada no presente texto.

Considerando tal contexto, a presente análise – certamente ainda sem fontes primárias no que diz respeito à parte brasileira – permitiu que se constatassem várias semelhanças e algumas diferenças. De forma geral, tanto as integralistas como as falangistas foram ignoradas durante anos como objeto de estudo historiográfico, não somente pelos estudos sobre fascismo, mas também pela história das mulheres. Repetidamente puseram-se em dúvida os motivos da adesão ao fascismo tanto de brasileiras quanto de espanholas, sendo descartada, em um primeiro momento, a explicação mais lógica (que o fizeram porque quiseram ou, ao menos, porque acreditavam que fosse necessário), recorrendo-se a fatores externos (influência de terceiros, casualmente homens). Trata-se de uma ‘explicação’ que, além de negar sua capacidade de agência, não costuma funcionar quando se trata de explicar a filiação *dos* fascistas... Principalmente quando se tem em conta que, para filiar-se, muitas integralistas e falangistas tiveram justamente de superar resistências masculinas. Quando o conseguiram, umas e outras se integraram em organizações que até então haviam sido exclusivamente masculinas e assumiram funções auxiliares desses homens. Com o passar do tempo, constituíram sua própria organização, na qual seguiram desempenhando atividades que eram tradicionais (apesar de que não exatamente, uma vez que o faziam por razões políticas e em um partido político), mas que foram se adaptando às circunstâncias até incluir atividades que eram pouco ou nada tradicionais, como ostentar comando político ou viajar longas distâncias sem acompanhamento masculino. Muitos desses pontos em comum aproximam suas experiências às das fascistas de outros países, como Alemanha, Itália, Hungria ou Croácia antes de sua chegada ao poder.

Houve também diferenças entre as mulheres da AIB e da SF: a principal diz respeito aos anos de que cada grupo dispôs antes de tentar tomar o poder. O fato de que as integralistas dispuseram do dobro de tempo que as falangistas pode ajudar a explicar a considerável vantagem no grau de desenvolvimento organizacional (notável, ao menos no papel, para a organização feminina de um integralismo que não estava no poder, ou seja, não era o partido único de uma ditadura fascista), assim como a variedade de trabalhos extradomésticos que desempenharam, em postos de comando ou em publicações da AIB. Neste sentido, seria interessante comparar a estrutura do *Departamento Feminino* até 1937 com a da SF a partir desse mesmo ano, uma vez que ficou claro que a guerra civil espanhola seria longa, as urgências dos primeiros meses estavam cobertas e era a Falange que começava a construir estruturas pré-estatais. Da mesma maneira, se as fontes disponíveis no Brasil permitirem, outros pontos de comparação que valem a pena ser pesquisados são, por exemplo, a relação de umas e outras com a

violência política do momento, sua postura em relação à religião (e os possíveis indícios de religião política) ou sua atitude em relação aos (outros) fascismos.

Ao fim das contas, a comparação entre movimentos e militantes (femininas neste caso) permite não só estabelecer semelhanças e diferenças, o que é importante para estabelecer padrões e especificidades neste universo fascista do período entreguerras, mas também melhorar o que sabemos de cada um dos movimentos. Não é em vão que apenas um olhar comparado permite desnaturalizar o respectivo caso nacional, deixar de vê-lo como ‘normal’ e cair, por exemplo, na afirmação de que, na SF, as ‘camisas azules’ nunca foram ‘blusas azules’... Com tudo que algo, aparentemente, tão banal pode abarcar.

Recebido: 30 de agosto de 2019

Aprovado: 06 de outubro de 2019